

SOLIDARIEDADE IBÉRICA

por Mário Soares

Os dois Estados Ibéricos atravessam um período fausto das suas relações, independentemente dos governantes que os dirigem. Depois da Revolução dos Cravos e da Transição Democrática Espanhola as relações entre Espanha e Portugal mudaram profundamente, para melhor. São fraternas e afectivas entre os Povos dos dois Estados, compreendendo que a confiança reinante é extremamente útil para ambos.

Pelo contrário, os dois ditadores - Franco e Salazar - nunca abandonaram a desconfiança que sempre houve entre eles, apesar da ajuda permanente que Salazar deu a Franco, durante a guerra civil. Foi por isso que Adolfo Suarez e eu próprio, substituímos o Pacto Ibérico por um Tratado de Amizade e Consulta, que ainda hoje vigora. Portugal, país com quase nove séculos de história, com as mesmas fronteiras, não perdeu um ápice da sua identidade por se tornar um amigo sincero de Espanha. Pelo contrário. De resto, aderimos à CEE, hoje União Europeia, no mesmo dia 12 de Junho de 1985. E mais tarde, em 16 de Novembro de 2000, aderimos ao euro, ao mesmo tempo e por razões semelhantes.

Salta aos olhos que um bom entendimento político, no quadro europeu e também da Ibero América, é de enorme utilidade para os dois Estados. Bem como em relação ao Mediterrâneo, aos Países da África do Norte e, especialmente da sua faixa ocidental: Tunísia, Argélia, Marrocos e Mauritânia.

Curiosamente, os dois Estados Ibéricos, ao longo dos últimos trinta e oito anos, têm sido governados, sempre em democracia, com frequência, por Partidos políticos e ideologicamente próximos e os seus respectivos governantes também foram, muitas vezes, da mesma cor partidária. PS e PSOE, na primeira fase; PSD e PP, na segunda, com algumas intermitências. Nos últimos anos, de crise aguda, voltou-se ao PSOE e ao PS com Rodriguez Zapatero e José Sócrates e, ultimamente, com as últimas eleições o PSD, de Passos Coelho e o PP de Mariano Rajoy, são quem está a governar.

Note-se que havendo concordância partidária ou não, as relações entre os dois Estados, ambos democracias plenas, foram sempre excelentes. Contudo, nunca tivemos, nestes anos de crise aguda, uma voz política comum ou mesmo concertada para nos impor, no quadro europeu, com força, para sermos ouvidos. Suficientemente.

Nas reuniões dos Conselhos Europeus, e nas sucessivas Cimeiras, com tão pouca relevância, os dirigentes dos dois Estados Ibéricos primaram pelo silêncio ou, quando muito, limitaram-se a defender, sem ajuste comum, os seus respectivos interesses nacionais. Suponho que foi um erro, que as circunstâncias actuais, exige seja corrigido. O tempo político europeu, tão difícil, assim o aconselha.

Espanha e Portugal com as suas respectivas histórias, ambas gloriosas, têm um peso político, cultural e económico enorme que não deve ser menosprezado, nem pelos Governos nem pelas Oposições, porque ambos devem ter um verdadeiro sentido da responsabilidade, ao serviço dos respectivos Estados. É o momento para compreenderem, de ambos os lados, a importância de agirem em conjunto, no momento de crise aguda como a que atravessam.

Curiosamente, Mariano Rajoy depois de eleito veio a Portugal e teve uma longa conversa com o seu homólogo português, Passos Coelho, que cobriu, aliás, de elogios. O actual Governo português pretende ser um "bom aluno" da Senhora Merkel e está a ter as melhores relações com a Troika que, com a sua política de austeridade, a todo o custo, está a impor cortes assassinos, para uma parte muito considerável das suas populações. O mal-estar social, o descontentamento profundo, a criminalidade e a economia paralela são o que tem vindo a crescer mais nos últimos meses.

Mariano Rajoy, calado na última semana, não falou, por forma crítica, na Cimeira de Bruxelas. Mas no dia seguinte anunciou, inesperadamente, que Espanha tinha de aumentar o deficit de 4,4% para 5,8%, para não criar mais perigosas manifestações de descontentamento popular. Bruxelas e a Chanceler Merkel, ficaram furiosos e disseram que essa medida, contrária aos desejos de Bruxelas, "representava um grande descrédito para Espanha".

O líder da Oposição espanhola Alfredo Rubalcaba, com lucidez e bom senso, pelo contrário, disse que "a Espanha estava no bom caminho". Também me parece. As chamadas políticas de austeridade, só por si, são contraproducentes, como a evolução dos últimos meses, demonstra, tanto

na Grécia como em Portugal e noutros países como Itália e França. Fazem subir a recessão, crescer o desemprego por forma inaceitável, aumentar a economia paralela e criar um profundo mal-estar no tecido social. Isto é: não só não resolvem nada como fazem os países que as aplicam ir de mal a pior.

Os Governantes e as Oposições, que assim pensam, tanto na Espanha como em Portugal, devem levantar as suas vozes, em comum, contra este estado de coisas. Seria um grande serviço para o Ocidente, antes que a União seja empurrada para o abismo, como advertiram Helmut Kohl e Helmut Schmidt...

Lisboa, 6 de Março de 2012